

CURRÍCULO E CULTURA DIGITAL: PERSPECTIVAS DO CENÁRIO EDUCACIONAL CONTEMPORÂNEO – COM PAULO DIAS

*Mary Valda Souza Sales**
Universidade do Estado da Bahia
<https://orcid.org/0000-0003-1315-1054>

*Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida***
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
<https://orcid.org/0009-0009-4623-3495>

*Paulo Dias****
Universidade Aberta de Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-3385-5243>

Para continuar as reflexões encaminhadas por este dossiê, apresentamos uma entrevista conduzida pelas professoras Maria Elizabeth Almeida (PUC-SP) e Mary Sales (UNEB-BA), no dia 20 de novembro de 2025, com o professor Paulo Dias, professor catedrático e ex-Reitor da Universidade Aberta de Portugal (dezembro de 2011 a dezembro de 2019), Doutor em Educação pela Universidade do Minho, e Doutor Honoris Causa pela Universidad Nacional Abierta y a Distancia, UNAD, Colômbia, reconhecido pesquisador na área de inovação em educação a distância na sociedade digital.

Antes de mais nada, agradecemos ao professor Paulo por aceitar nosso convite, numa época do ano com tantos atropelos que vão

chegando à vida da gente, mas para nós é muito importante ter as palavras e reflexões do professor Paulo no dossiê, que tem como temática Educação, Currículo e Cultura Digital, para a Revista da FAEEBA da Universidade do Estado da Bahia, instituição que mantém fortes laços de cooperação com as universidades nas quais o professor Paulo Dias teve atuação relevante.

Nessa direção, a entrevista traz reflexões sobre a relação entre educação, currículo e cultura digital, os desafios para a educação nesse contexto e cultura, e como o professor Paulo pensa essa articulação frente aos desafios postos para a educação em tempos de plataforma e de inteligência artificial.

* Doutora em Educação (UFBA) com Pós-Doutorado em Educação e Tecnologia (Universidade de Coimbra/CEIS20), Mestre em Educação e Contemporaneidade (UNEB), Licenciada em Pedagogia (UCSal). É Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Educação - Campus I (Salvador), atuando na graduação e na pós graduação como professora permanente (Mestrado e Doutorado). Líder do grupo de pesquisa ForTEC. É editora científica da Revista da FAEEBA (Qualis A2). Pesquisadora do campo do currículo, tecnologias, formação e EaD. E-mail: marysales@uneb.br

** Doutora em Educação: Currículo (PUC-SP, 2000). Pós-Graduação em Educação: Currículo e Educação nas Profissões da Saúde. Livre docente em Educação e Tecnologia (PUC-SP, 2019). Mestre em Educação: Supervisão e Currículo (PUC-SP, 1996), bacharel e licenciada em Matemática (UNESP, Bauru, 1973). Professora Associada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Líder do grupo de pesquisa Formação de educadores com suporte em meio digital. Membro do grupo Pesquisa e Desenvolvimento de Ambientes Construtivistas de Aprendizagem Presenciais e a Distância com o uso de TIC (UFRJ). Editora chefe e membro do comitê editorial da Revista e-Curriculum. E-mail: bethalmeida@pucsp.br

*** Paulo Maria Bastos da Silva Dias é professor catedrático e ex-Reitor da Universidade Aberta de Portugal (dezembro de 2011 a dezembro de 2019). Doutor em Educação pela Universidade do Minho, Portugal, em 1990, e Doutor Honoris Causa pela Universidad Nacional Abierta y a Distancia, UNAD, Colombia, em Educación a Distancia y Tecnología Instruccional, em 2017. É o atual Diretor da revista científica "Educação, Formação e Tecnologias.". E-mail: pdias@iep.uminho.pt

Assim, iniciamos nosso diálogo de forma direta e objetiva.

Como compreende a relação direta e objetiva da vivência do currículo frente à cultura digital?

Entendo ser uma relação tensa entre, por um lado, a normatividade das políticas educativas e da sua expressão no currículo, e, por outro, a fluidez do digital, na concepção de Bauman. O currículo tem, na sua base, um modelo regulador que constitui a forma de expressão das políticas públicas para a educação. Esta não será uma visão negativa se observarmos o currículo numa perspectiva crítica, através da qual a regulação é um meio para a ação e não uma finalidade. Deste modo, o currículo apresenta a dimensão de liberdade para a intervenção nos processos de desenvolvimento organizacional das aprendizagens, sendo de salientar que esta perspectiva valoriza a interação entre o sentido da expressão curricular e os contextos de experiência das aprendizagens.

Contudo, a fluidez do digital promove uma nova abordagem para essa reflexão, a qual se apresenta no sentido dinâmico e variável dos contextos em rede, dado que estes emergem das interações na proximidade virtual e não dos espaços culturais e das suas geografias de representação social.

Nessa perspectiva, a cultura digital expande a concepção do currículo local para o global e, deste modo, para a experiência social e cognitiva da aprendizagem como um processo em rede e sem geografias para o pensamento.

Por outro lado, esse é o aspecto mais desafiador neste confronto, dado que, nos tempos presentes, assistimos à narrativa da afirmação do retorno aos espaços sociais e culturais fechados na sombra do passado.

Complementando, a ideia do currículo como uma estrutura normativa através do princípio regulatório, é importante, mas acho necessário sublinhar aqui, também, o conceito emancipatório que o currículo também deve apresentar, através da abordagem da autonomia. Cada vez

mais a autonomia do aluno é necessária no espaço do digital, em particular, para a consciência reflexiva que devemos ter com na utilização de ferramentas de inteligência artificial. E aqui a ideia do currículo terá de seguir uma estrutura híbrida, na qual a regulação seja um meio para a sua construção numa perspectiva de andaimagem do desenvolvimento, mas não a sua finalidade.

Desse modo, é fundamental desenvolvermos uma estrutura curricular orientada para o aluno, para a descoberta do mundo, a descoberta das vivências e, sobretudo, a descoberta como uma experiência de construção de conhecimento profundamente articulada com os contextos. Deste modo, creio que poderemos ultrapassar as limitações que vão sendo sentidas cada vez mais, relativamente ao peso ou ao deslumbramento que a tecnologia tem vindo a provocar nas pessoas, na sociedade e, em especial, no plano da decisão nas políticas educativas. O deslumbramento conduz a uma utilização não refletida. Este é um ponto essencial para mim.

Deste modo, o currículo não deve seguir uma grelha fechada. Pelo contrário, deverá assumir na sua essência uma estrutura aberta a todas as dimensões de expressão e, em particular, para a pluralidade e diversidade das pessoas que são a essência do conhecimento distribuído e em rede na sociedade digital.

Essa é a dimensão e a importância do currículo para a Educação em rede. Pois não podemos traçar fronteiras na sociedade em rede, dado que a sua natureza é uma malha flexível de representações culturais e sociais que se expandem entre o local e o global.

Por outro lado, o retorno à ideia de fronteira representa a tendência que estamos a enfrentar no presente, pois cada vez mais estamos a assistir à redefinição dos espaços culturais e sociais que configuram as novas colonizações nos ambientes digitais.

A expressão da colonização do pensamento e do consumo, colonizações que se afirmam, inclusive, através do currículo, como uma forma de promover a reprodução do conhecimento

social. E isto é muito grave. Nesta perspectiva, o currículo tem de se afastar completamente do sentido normativo que está ligado ao modelo reprodutor e ao modelo de colonização de pensamento.

No pensamento de Paulo Freire os modelos emancipatórios são extremamente importantes, como forma de enfrentamento da regulação como um fim, através da promoção da autonomia do ser reflexivo.

Assim, entendemos que a partir do pensamento de Bauman, temos pensamentos bem convergentes. Nossa realidade da educação formal, além de ser muito diversa, é muito complexa. A partir das experiências em boa parte dos países do mundo, o currículo, com essa condição de regulador, constitui-se no mecanismo social que acaba ajustando os fazeres da escola. Então, a partir de suas experiências, que sugestões o senhor poderia nos dar como possibilidades de confronto ou de convivência pacífica com essa perspectiva reguladora do currículo, considerando essas questões postas, tanto a perspectiva crítica da educação que deve ser encaminhada hoje, mas muito, muito mais em relação ao cenário da nossa sociedade, que é imersa nessas redes digitais e que, às vezes, demanda uma atuação em nível curricular que não está nem prescrito e nem praticado? Então, que sugestões, experiências poderia nos dar em relação a essas possibilidades de enfrentamento?

Parece-me que uma primeira abordagem seria pensar o currículo segundo o olhar da curadoria. Refiro-me não só ao currículo, mas também ao desenvolvimento curricular e à prática pedagógica nas quais o papel do agente educativo em geral, do responsável pelo processo educativo e do professor deve ser mais orientado no sentido do curador de experiências e de vivências para os processos de criação do conhecimento, do que somente para o processo de aplicação ligado ao prescritivo.

Um curador reúne, um curador não determina, sugere. Portanto, há uma diferença profunda entre uma sugestão ou uma indicação e uma determinação.

Quando o currículo é fechado, o que é tendencial no sistema de organização das políticas educativas orientadas para o modelo de reprodução social e econômica, deparamos com a enorme instabilidade curricular e as imensas dificuldades de sobrevivência deste modelo organizacional face aos desafios contemporâneos da sociedade do conhecimento em rede, nomeadamente os desafios ligados à educação para a inovação.

O problema está aí. Portanto, o que é que eu sugiro? Em termos práticos, que o currículo seja, por um lado, baseado em temas fundamentais que façam sentido para a comunidade, mas que, por outro lado, tenha um grau de abertura suficiente para constituir um mecanismo de interrogação para o conhecimento em rede. O próprio currículo deve ser uma estrutura orientada para a interrogação, saber questionar, questionar o mundo. Isto é, a nossa capacidade de construção de vida, das comunidades, das sociedades e das organizações depende da forma como o questionamos e como organizamos a ação e as respostas a essas perguntas. O pensamento, a construção do pensamento em termos gerais e, em particular, nos processos de aprendizagem, devem ser fundamentalmente orientados para o questionamento. Deste modo, é através desta capacidade de abertura que o currículo se formaliza nos grupos de apresentação e discussão, na rotação dos papéis entre o professor curador e o aluno curador, na valorização da importação dos pequenos lugares de experiência emocional do local social e cultural para a promoção do currículo como espaço de partilha e colaboração, dando voz e atribuindo significado às questões que são fundamentais na comunidade de pertença e que não são tratadas no currículo oficial, ou que dizem respeito à comunidade do lado, também no espaço digital, que não é a deste aluno, mas com a qual este interage.

Esse processo descreve a construção de um currículo não prescritivo, que tem a necessária flexibilidade para ser capaz de se constituir e abrir para o diálogo.

Desse modo, configura um sistema aberto ao contexto de experiência da comunidade de pertença e que valoriza também o diálogo com as comunidades em rede.

Entendo que o papel da curadoria desenvolvida entre professores e alunos enriquece totalmente o próprio conceito de currículo. Este deixa, assim, de ser um instrumento das políticas *top-down*, para ser um uma construção da comunidade e que constitui a expressão da voz da comunidade. E aqui é que está o ponto central da minha leitura do currículo ou desta concepção que procurei colocar na minha resposta.

É nessa direção que perguntamos: quais os principais elementos da educação aberta e em rede que impactam o currículo em suas políticas, propostas e no seu desenvolvimento na prática pedagógica?

A educação aberta e em rede é, por definição, um espaço de acolhimento e construção das comunidades de aprendizagem. A educação aberta é sinônimo de acolhimento na comunidade e da transformação desse acolhimento numa expressão de pertença ao espaço emocional, social e cognitivo do contexto de aprendizagem para a criação de conhecimento individual e coletivo. Acolher não é um ato de generosidade: é, sobretudo, a capacidade para construir, de forma colaborativa, a integração do sujeito nas redes de pensamento da comunidade de acolhimento a partir das suas experiências de aprendizagem. E, para além disto, em transformar numa mais valia a experiência do acolhido numa expressão com sentido para o desenvolvimento do conhecimento da comunidade.

Essa concepção baseia-se na abordagem da educação como uma ecologia e, deste modo, num sistema orientado para o equilíbrio dinâmico entre os membros da comunidade e os contextos emocionais, sociais e cognitivos

da experiência de aprendizagem e da criação colaborativa do conhecimento.

Desse modo, a prática pedagógica na educação aberta e em rede emerge do exercício da curadoria dos saberes, contextos e modelos de desenvolvimento colaborativo do conhecimento.

É justamente a partir dessa ideia da curadoria de saber que veio o complemento da pergunta, ao pensar a educação como ecologia, uma vez que estamos falando de educação aberta em rede, mas que existem algumas tradições que às vezes aparecem como barreiras para que essas questões não sejam implantadas. Considerando essa perspectiva, a prática pedagógica como uma curadoria de saberes, essa noção de ecologia da educação, que possibilidades podem ser levantadas para dar conta dessas demandas curriculares formais de conteúdos obrigatórios frente a uma lógica disciplinar, que é a cultura da própria escola, e que impera muitas vezes nos processos educativos como um argumento de ocupação do espaço de docência do professor? Então, aquela coisa da disciplina, uma disciplina não invade a outra como prioridade? Que outras dinâmicas para além dessas poderia se pensar trabalhando o currículo, não numa perspectiva de efetivação do movimento curricular na prática pedagógica, mas como possibilidade de orientar a ação do professor no seu planejamento, para estar habilitado a dar conta de uma demanda de uma vivência curricular na cultura do digital, com tudo que a cultura digital nos apresenta?

Bom, eu vou ser muito radical na minha resposta. A escola de hoje está moribunda. A escola que nós presenciamos está a morrer. Está morta na essência do sentido de espaço de criação de conhecimento. Nós estamos a prolongar o seu tempo, mas ela está em coma profundo. E o problema é esse. Portanto, nós encaramos sempre a escola como a expressão

e o instrumento das políticas educativas, sendo que estas políticas educativas são uma emergência das políticas do modelo de pensamento dominante. Portanto, sublinho, não podemos desligar a escola do que é o modelo do pensamento dominante. E o que nós temos é uma escola morta, porque é uma escola que vive nas dimensões da memória e para o passado, tem a sua expressão nos limites das barreiras que se autoimpôs, e sobrevive dentro dessas fronteiras.

Na minha leitura a escola de hoje está nos cuidados intensivos e assim vai continuar e a desempenhar, na intermitência dos seus breves momentos de recobro, a função reprodutora do conhecimento dominante. A formação de professores segue também o modelo dominante, que consiste em formar agentes que atuem dentro do padrão normativo e, deste modo, não temos de facto nenhuma perspectiva para uma organização aberta, dinâmica e com vida própria.

Quando falo de vida própria quero dizer uma ecologia, um sistema dinâmico e autopoietico, na perspectiva de Maturana. E se trouxermos para esta discussão o conceito da autopoiesis, que consiste na capacidade de o sistema biológico se regular e se regenerar ou se reconstruir permanentemente, se trouxermos esse conceito para o domínio das ciências sociais e humanas, e para o espaço mais importante, que é o da construção mental no sujeito, portanto da construção das suas representações no mundo através daquilo que nós, de um modo geral, dizemos ser a educação, são as representações do mundo e da intervenção no mundo, estas realizadas pela escola moribunda de acordo com padrões normativos orientados para a reprodução. Aqui, não há espaço para a mudança e a inovação. É por isso que eu digo que a escola está morta. Uma escola deste tipo não tem vida, não tem diálogo com as outras estruturas, a não ser diálogos folclóricos, superficiais. Aquilo que será importante, quando eu refiro a importância da abordagem da ecologia, é que este sistema seja capaz, inclusive, de propor e organizar o próprio currículo.

Por isso, eu comecei por dizer que a minha perspectiva é absolutamente radical.

Dar voz à comunidade será o princípio para uma cultura da inovação curricular construída no diálogo entre grupos e através do qual irá emergir a expressão do currículo real, ligado aos contextos de vida e experiência. Expandir este diálogo para o plano intercultural, do local para o global, terá como resultado o desenvolvimento plural das representações sociais e culturais, da aprendizagem individual para a cognição distribuída e em rede.

Portanto, novamente, voltando à primeira questão, temos uma abordagem curricular que é *top-down*, que obedece à implementação dos modelos de pensamento dominantes, inclusive sobre o que deve ser objeto de aprendizagem e conhecimento, ou aquilo que se deve ou que podemos investigar, como estamos a assistir hoje em dia. Por exemplo, no ataque ao pensamento aberto na universidade em vários países, agora mais visível, dirigido à liberdade de pensamento e, sobretudo, ao que esta liberdade significa para o desenvolvimento de uma cultura de mudança e inovação. O pensamento de Paulo Freire ilustra, de forma muito clara, este aspecto através do desenvolvimento do conceito de autonomia na aprendizagem e para a construção do conhecimento. Autonomia significa o desprendimento do estabelecido e a capacidade para criar instrumentos de pensamento social e cognitivo para enfrentar o desconhecido e construir a mudança.

Retomo à abordagem da ecologia da educação. Um sistema ecológico é, por definição, um sistema em equilíbrio dinâmico. Não é estável, tem um equilíbrio construído na instabilidade. Significa que tem momentos de tensão e momentos de ruptura dentro do próprio sistema, que correspondem ao seu desenvolvimento. Isto significa, para a construção curricular, que ao acontecer uma prática deste tipo observamos momentos de tensão da voz social e cognitiva que se transformam em processos de autonomia ou de emancipação na construção da narrativa do sistema e que, por serem

próprios ao sistema, permitem o sentido do equilíbrio dinâmico entre as expressões da proximidade e da distância dentro e entre comunidades.

Quero sublinhar esse aspecto, pois a sociedade digital é uma sociedade em rede, absolutamente plástica. Qualquer ponto da rede é potencialmente um centro. Isto é, nós temos que deixar de lado a ideia de geografia para caracterizar a nossa vivência. Nós temos que ultrapassar a dimensão da geografia para pensar de um outro modo. Porque estamos em rede. Nós, humanos, vivemos em rede. E construímos um pensamento intencional e em rede. E a voz da comunidade é a expressão da competência social e cognitiva para estarmos em rede de forma consciente, reflexiva e autônoma.

Ora, o que acontece no deslumbramento tecnológico de hoje é o contrário do sentido da fluidez da rede. Por exemplo, a internet a que temos acesso hoje é territorializada.

Por isso é que comecei por dizer que há uma colonização do pensamento. Isso é grave. E a escola, neste momento, é a maior representante desse sistema de colonização do pensamento. No momento em que deveríamos estar a utilizar uma ferramenta fantástica, como é a internet, para sermos capazes de estar em rede e pensar em rede e sem barreiras, temos o modelo curricular ou o modelo curricular vigente a territorializar todos os espaços possíveis de diálogo, evitando que esse diálogo exista de forma aberta.

A territorialização da internet é a expressão oculta das políticas tecnológicas que depois se aplicam à educação e se aplicam a outros sectores também. Mas agora estamos a discutir a educação. Por isso, há momentos, eu afirmava que a escola atual está em estado de morte. Ela sobrevive ainda porque a sua estrutura é construída por todos estes mecanismos de territorialização do pensamento, os quais lhe permitem que se mantenha, ainda. Mas não é a escola que queremos e precisamos para a sociedade da mudança. Pelo contrário, o pensamento curricular deverá ter uma construção

orientada para o modelo de desenvolvimento social e cognitivo da sociedade em rede. O que é absolutamente diferente.

É essa reflexão que precisa ser feita por todos nós e, principalmente, pelas pessoas que endeusam as tecnologias digitais conectadas em rede, que depositam algumas esperanças que devem ser práticas únicas e exclusivas do humano para esse potencial de emancipação com essas tecnologias. Então, chamar essas pessoas, principalmente a esse lugar, pensando na educação, é o ponto prudente e necessário nesse momento em que vivemos, principalmente. Acreditamos que pensar a formação de professores nesse cenário não é prepará-los para acessar essas tecnologias, conhecer profundamente essas tecnologias também, mas conhecer profundamente esse movimento de povoamento dessas tecnologias e as políticas econômicas que estão por trás delas, com todas as suas intenções de massificação dos povos. Então o processo colonizatório se perpetua com outras roupas, outras ferramentas?

Exatamente. Aliás, há pouco usei um termo que é o deslumbramento pela tecnologia. De facto, o que vivemos é uma espécie de deslumbramento da ignorância. A inteligência humana é intencional e a inteligência artificial é estocástica. Nós olhamos para a tecnologia com deslumbramento. E ficamos pelo deslumbramento e não pensamos que a tecnologia é um instrumento e um meio. A tecnologia não é um fim. A tecnologia é um meio. Nós vivemos com tecnologias e sempre conseguimos construir esse processo e tivemos sempre a tensão e a tentação do deslumbramento com a utilização das tecnologias para a construção do pensamento. Houve sempre este estado, hoje em dia mais acentuado, porque podemos ter um assistente virtual, como um sistema de IA. Mas é um sistema estocástico com o qual eu partilho processos de procura. Eu começaria por dizer, mais uma vez, sendo radical, que o que a inteligência artificial nos oferece, neste momento,

são motores de pesquisa muito poderosos e com capacidades de resposta também muito sofisticadas, com base em modelos de cálculo matemático de probabilidades. O que nos distingue claramente de qualquer tecnologia no domínio da IA é a intencionalidade e a emoção. E o que nos distingue mais, num grau também mais avançado, é a construção da consciência, como uma representação interna que é uma representação própria, do meu corpo, e do mundo com o qual eu interajo. Qualquer máquina está absolutamente fora deste universo.

Portanto, o deslumbramento pela tecnologia, no sentido em que ela simula pensamento ou substitui o professor, não faz sentido. O pensamento humano é a expressão da emergência da atividade mental que nada tem de estocástico. Pelo contrário, segue uma base de processamento intencional na cognição.

Vivi o lançamento do primeiro programa de utilização de computadores nas escolas com o projeto Minerva, em Portugal. Lembro, na altura, uma voz de resistência dos professores que diziam: ah, vamos ser substituídos por computadores. E agora as pessoas voltam a pensar e a dizer o mesmo, vamos ser substituídos pela inteligência artificial. Não, não vamos, pelo contrário. Os computadores nunca funcionaram sem humanos e a inteligência artificial também não, pois são extensões dos humanos, como muitos outros artefatos. Acho que devemos olhar para o que são na sua essência, artefatos para a simulação da narrativa do pensamento e que nos permitem avançar num campo ainda desconhecido que é o da cognição híbrida, entre humanos e sistemas não humanos que expandem as possibilidades de cognição humana para além do que fazemos já com a cognição distribuída através das redes de pensamento e emoção.

Mas o que eu acho importante é que devemos pensar o currículo na perspectiva da complexidade, mantendo o diálogo com as teorias da complexidade. Como é que construímos a complexidade nas redes sociais e cognitivas? E como é que desenvolvemos a representação

coletiva da complexidade na narrativa curricular? Em particular, como é que o currículo pode ser um campo de experiência que assume a complexidade como um meio para o seu desenvolvimento?

Creio que a abordagem do currículo emancipatório é a expressão da complexidade da ecologia para o pensamento da comunidade de educação e aprendizagem.

A questão central é que o modelo emancipatório está em confronto profundo com o currículo normativo, o qual constitui a expressão das políticas do pensamento tecno-colonizador da sociedade digital e em rede. A sociedade do conhecimento aberto apresenta a complexidade da fluidez das redes de pensamento, das narrativas sociais e cognitivas colaborativas, e da partilha das representações coletivas. Estas são expressões demasiado profundas e intensas da complexidade que flui para a mudança e que não são compatíveis com os modelos normativos.

Creio que este constitui um ponto central para o nosso debate: Pensar o currículo normativo como um modelo para a continuidade ou assumirmos que o currículo aberto é a narrativa para o desenvolvimento da complexidade e da mudança, inovação e autonomia. Na narrativa aberta construímos a autonomia para o desenvolvimento da complexidade como meio para a mudança e a inovação.

O que nós temos de criar é uma escola aberta e sem barreiras ou geografias de pensamento. Por isso retorno à questão da ecologia. A ecologia é a melhor abordagem para entendermos um modelo de aprendizagem.

A ecologia sublinha a importância da imersão nos contextos. Contextos de aprendizagem que são o processo vital da própria comunidade. Ora, isto faz-se em ambientes abertos.

Para mim, a escola tem de se desenvolver na diversidade de ambientes, tendo como foco o contexto. E é com esse contexto que o sistema interage permanentemente. E, reparem, o que vai acontecer é que cada ambiente vai interagir com um outro ambiente, e temos uma cadeia

de interações cada vez mais complexa, cada vez mais robusta, mas também ao mesmo tempo cada vez mais autônoma. Isto responde à questão da dificuldade que as pessoas têm em entender o papel da tecnologia.

Primeiro, elas deslumbram-se com a tecnologia, e só veem os efeitos, mas desconhecem o processo, e sobretudo, negam a sua própria identidade, que é outro ponto central. O humano tem intencionalidade, o humano tem consciência, e a partir daí desenvolve um mapeamento e representação cognitiva. Esta sequência é absolutamente fundamental. E ao desenvolver a representação cognitiva está num ponto completamente diferente. Isto é, desenvolve aquilo que nós chamamos conhecimento. É capaz de criar conhecimento. E depois tem esta capacidade incrível, que é utilizar instrumentos como a linguagem para construir a narrativa do próprio pensamento. Ora, aquilo que nós fazemos de forma consciente e autônoma é a construção de narrativas. E a ecologia, por outras palavras, se me permitem, é a narrativa da autonomia.

O que o senhor apresenta é o que defendemos durante muito tempo, faz parte da nossa trajetória de vida e de profissão. Desse modo, para o senhor qual currículo importa na sociedade aberta e em rede?

Tendo como abordagem a prática pedagógica como curadoria será fundamental a promoção do currículo orientado para a valorização da cultura de inovação nas comunidades de aprendizagem em rede.

Então, que aspectos da cultura digital considera essenciais serem mais investigados e abordados nos estudos acerca de currículo e tecnologias e para potencializar as práticas curriculares?

A cultura digital desenvolve-se, em particular, através da interação entre humanos e não humanos, como foi apresentado por Bruno Latour na teoria da rede de atores. Deste

modo, na modernidade digital, esta interação é realizada no entrelaçamento da voz humana com os sistemas não humanos através das redes sociotécnicas. Por outras palavras, construímos, assim, a expansão das interações entre humanos e não humanos no sentido do desenvolvimento da cognição híbrida, a qual se define na articulação entre os processos cognitivos humanos e os mediadores artificiais, como os sistemas de inteligência artificial, através dos quais se expandem e transformam os modos de aprender e conhecer. Esse tipo de cognição, que tem como referência o estudo sobre cognição distribuída, evidencia-se em ambientes onde os estudantes interagem entre si e com os conteúdos, dialogam com sistemas de realidade aumentada e virtual, ou são acompanhados, em plataformas avançadas, por curadores virtuais nos processos de pesquisa e aprendizagem. De acordo com esta perspectiva, a cognição híbrida surge como uma área fundamental para a compreensão das práticas curriculares e pedagógicas nos ambientes emergentes de educação e aprendizagem em rede.

Diante dos seus estudos, como o senhor perspectiva a educação e o currículo no cenário digital de velozes e fortes transformações?

As redes de aprendizagem na modernidade virtual operam através da interação entre humanos e artefactos, humanos e mediadores sociotécnicos, cruzando representações dos domínios presencial e virtual, do mundo físico e do digital para a construção dos contextos de proximidade digital.

Importa, contudo, sublinhar que essas redes de aprendizagem têm na emoção um fator decisivo para a ação da mente, dado que o estado emocional é uma singularidade da atividade da mente. A ecologia das aprendizagens constitui uma abordagem que valoriza o equilíbrio dinâmico entre ação e experiência do conhecimento, como expressão de regulação autopoietica da cognição híbrida.

Refletir sobre a ecologia das aprendizagens na sociedade digital revela-se absolutamente pertinente no mundo contemporâneo, nomeadamente, na dimensão sociopolítica da educação na sociedade em rede, com destaque para as políticas públicas e as suas implicações nas organizações escolares e nas representações das comunidades na sociedade digital.

Na modernidade virtual, a experiência do conhecimento ocorre como um projeto colaborativo através do qual se desenvolve a inteligência coletiva na sociedade em rede. O equilíbrio dessa experiência resulta da dinâmica entre sujeito e contexto, e das emoções de pertença e participação que emergem na construção das comunidades de aprendizagem em rede.

Para construir esse projeto de experiência do conhecimento na educação aberta e em rede é prioritário valorizar a participação e, através dela, a intencionalidade da cognição na ação e na criação colaborativa de instrumentos e representações simbólicas, sempre em diálogo com os contextos formais e informais de aprendizagem.

A educação aberta e em rede na sociedade digital implica, na sua essência, a participação intencional do sujeito num projeto coletivo de aprendizagem em rede nas comunidades de conhecimento. Neste sentido, constitui um dos pilares — talvez o mais significativo — da sustentabilidade para a ecologia das aprendizagens na modernidade virtual. Uma ecologia que se desenvolve, de modo particular, na dinâmica dos equilíbrios entre emoção e cognição intencional e distribuída, nos processos de representação e ação colaborativa para a construção do conhecimento em rede.

Nesse sentido, a educação aberta e em rede não é apenas uma abordagem pedagógica, mas também uma ética do acolhimento, da inclusão e da participação. Acolher significa reconhecer o outro na sua singularidade e integrá-lo no projeto coletivo da construção do conhecimento. É nesse gesto de abertura que se funda a sustentabilidade da ecologia das aprendizagens: na capacidade de criar

ambientes educativos dinâmicos, sensíveis à diversidade, capazes de promover a inovação cognitiva, emocional e afetiva, e de promover a construção de sentido nas redes de aprendizagem e conhecimento da sociedade digital.

Bom, mas temos que esperar alguma coisa do futuro da educação! O que a gente pode esperar diante de tudo isso? Que mensagem podemos dar para os estudantes, para os educadores, para os pesquisadores, em relação ao que esperar deste momento, neste campo do currículo, diante da cultura digital avassaladora que temos aí?

Essa é uma pergunta bem difícil. Mas aquilo que eu sinto é que nunca poderemos desistir. Fundamentalmente é isso. Enfrentar o desafio para continuar.

Portanto, na educação o que nós temos de fazer permanentemente é enfrentar o momento, procurar o equilíbrio dinâmico e construir um novo amanhã.

É por isso que a gente não desiste, não é?

Exato. É por isso. Não há uma resposta fácil. Dizer, ah, faça isto ou faça aquilo. Nada faz sentido desse modo.

Até porque tem que fazer sentido para a pessoa no lugar da pessoa e não tem como responder sem ser e estar. Não tem solução única, não é?

Não há uma solução única, há sempre um conjunto imenso de hipóteses, mas sobretudo tem que haver resiliência, tal como o sistema dinâmico é resiliente, e assim habitamos o mundo como estruturas complexas.

Portanto, pensar a educação é sempre preparar para o amanhã. Até por uma razão muito simples que me faz voltar à questão inicial. O aluno de hoje, que entra no sistema educativo, vai enfrentar uma sociedade desconhecida para ele, completamente desconhecida. Em termos de tarefas, em termos de cenários de

vida, de organização, de tudo. E as ferramentas que nós estamos a propor aos alunos são ferramentas padronizadas, do passado, não respondem aos problemas que irão enfrentar no futuro. Portanto, este é o principal problema curricular. O currículo deve ser vivido, construído no presente, com a experiência do passado, mas em direção ao futuro. Por isso é que eu falo da cultura de inovação como um instrumento central para pensar a escola e a educação.

Pensar o currículo segundo uma abordagem crítica, reflexiva e na liberdade do diálogo para a criação do conhecimento em rede na sociedade digital

Agradecemos mais uma vez ter aceitado nosso convite e participar desse dossiê conosco. É um privilégio contar com você!

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

MATURANA, H.; VARELA, F. J. *Autopoiesis and cognition: The realization of the living*. D. Reidel Publishing Company, 1980. <https://doi.org/10.1007/978-94-009-8947-4>